



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**ARELAÇÃO DA COMUNIDADE COM OS REMANESCENTES ARQUEOLÓGICOS NO
DISTRITO DE FREGUESIA DO ANDIRÁ NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA - AM.**

Nombre y apellido_ Luana da Costa Pinto ¹

Correo electrónico_ luanacostapinto@gmail.com¹

Institución_ Universidade do Estado do Amazonas¹

País_ Brasil¹

Nombre y apellido_ Milke Cabral Alho ²

Correo electrónico_ milkesan@hotmail.com²

Institución_ Universidade do Estado do Amazonas²

País_ Brasil²



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Freguesia do Andirá desde 1669, quando descoberta pelos jesuítas, vem se desenvolvendo e sendo modificada por seus habitantes tanto espacialmente quanto culturalmente. Hoje, ao caminharmos pela comunidade, nos deparamos com uma diversidade cultural enraizada no povo. Há tantos festejos e atividades diárias que evidenciam uma dinâmica cultural caracterizada por essa diversidade, algo que é notório quando se trata de comunidades tradicionais, especialmente na Amazônia. Para que pudéssemos compreender a relação que a comunidade (Distrito de freguesia do Andirá) estabelece com os remanescentes arqueológicos partimos do ponto de que para tal objetivo nos seria válido conhecer a realidade social que os moradores vivem. Os trabalhos de COSTA, ANDRADE e SILVA (2014); RANCIARO (2004) nos deram informações relevantes acerca do dia a dia da comunidade. Freguesia do Andirá é um dos 12 Distritos do Município de Barreirinha, localiza-se à margem direita do rio Andirá num ambiente de terra firme. Segundo o IBGE de 2010 haviam cerca de 800 habitantes no Distrito, mas de acordo com o relato do presidente da comunidade no ano de 2013 existiam 1300. Quando se trata de sua infraestrutura o Distrito é caracterizado por possuir serviços básicos como: centro de saúde comunitário; escolas (uma municipal e outra do Estado); comércios. No ano de 2009 o programa do governo federal “Luz para todos” acarretou na comunidade um impacto em relação ao seu desenvolvimento socioespacial; a inserção da energia no local modificou o modo de vida dos moradores. Um de nossos objetivos é propor ações de proteção e pesquisas científicas da cultura material pretérita local remanescente. A área de Freguesia do Andirá nunca havia sido citada em trabalhos de caráter arqueológico, esta pesquisa tem como objetivo instigar por meio da apresentação e publicação do trabalho em eventos científicos a pesquisa e o reconhecimento da área, assim como fomentar a proteção do patrimônio arqueológico local.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Freguesia do Andirá since 1669, when it dismantled Jesuit hair, it developed and was modified by its inhabitants both spatially and culturally. Today, we walk the community, we have a cultural diversity rooted not povo. There are so many celebrations and daily activities that evidence a cultural dynamism characterized by this diversity, something that is noticeable when it comes to traditional communities, especially in Amazônia. So that we could understand the relationship to the community (District of Freiguesia do Andirá) with archeological remanescences we start from ponto that for such an objective we would be valid conhecer to social realidade that residents live. The works of COSTA, ANDRADE e SILVA (2014); RANCIARO (2004) gave us relevant information about the daily life of the community. Freguesia do Andirá is one of the 12 Districts of the Municipality of Barreirinha; it is located to the right margin of the river Andirá in an environment of terra firme. According to IBGE 2010 there were about 800 inhabitants in the District, but according to the report of the community president in the year 2013 there were 1,300. When it comes to its infrastructure, the District is characterized by basic services such as: community health center; schools (one municipal and one state); trades. In 2009, the federal government's "Light for all" program had an impact on the community's socio-spatial development; the insertion of energy in the place changed the way of life of the residents. One of our objectives is to propose protection actions and scientific research of the remaining local material culture. The area of Freguesia of Andirá has never been mentioned in works of archaeological character, this research aims to instigate by means of the presentation and publication of the work in scientific events the research and the recognition of the area, as well as to foment the protection of the local archaeological patrimony.

Palabras clave

(sítio Freguesia do Andirá, comunidades, remanescences arqueológicos)

Keywords

(archaeological site of Andirá, communities, archaeological remnants)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Comum é viajar pelos interiores da Amazônia e ouvir relatos de ribeirinhos que encontram em seus quintais, terreiros e roçados, em seus espaços de convívio, a presença do que os mesmos denominam de “bichinho de barro”, “pote de índio”, que ao “nosso” ver, é o patrimônio arqueológico.

Os relatos são testemunhados e experienciados por nós, assim que chegamos às áreas habitadas da região. Caminhando entre as comunidades, muitas vezes, acidentalmente, chegamos a pisar nos rastros (vestígios) de material arqueológico. É como se o solo amazônico fosse pobre em nutrientes, porém rico de culturas que estão a brotar e revelar as histórias que marcaram a trajetória daquele espaço.

As sociedades ribeirinhas atuais constituem um objeto de estudo privilegiado para a atuação da arqueologia, a começar pelas paisagens que habitam, recorrentemente em sítios arqueológicos. Suas (re) significações sobre o lugar onde vivem são peças – chaves no que concerne o processo de formação e transformação contínua do sítio (Lima & Moraes, 2013).

A realidade de nosso objeto de estudo, cadastrado no CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos), pelo Projeto Baixo Amazonas (PBA) em 2008, é um caso dinâmico que ora os moradores ignoram o que não conhecem, ora lhe atribuem um valor monetário. A verdade é que esta relação é enriquecida quando reconhecemos que existem diferentes atores sociais que por diversas razões manipulam as “coisas arqueológicas” e lhe atribuem uma afetividade. A verdade é que os “cacos”, os “restos”, os “potes”, as “vasilhas”, as “pedras” (líticos), não constituem um patrimônio na “visão dos moradores”, e sim, enriquecem seus discursos nativos sobre o passado.

Freguesia do Andirá é um dos 12 Distritos do município de Barreirinha, é também o mais antigo e mais populoso, com 800 habitantes segundo o IBGE (2010). Como alega CERQUA em seu livro “Clarões de Fé do Médio Amazonas” (2009) publicado através de fontes documentais dos relatos sobre a ação da igreja católica por intermédio dos jesuítas nos municípios adjacentes a Parintins, incluindo Barreirinha, Freguesia do Andirá foi oficialmente conquistada pelos jesuítas em



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

1669. Quando ali chegara os jesuítas, se depararam com uma grande aldeia de Sateré Maués, batizando-a de Santa Cruz do Andirazes (Costa, Andrade e Silva, 2014).

Freguesia do Andirá é marcada por uma trajetória histórica de 348 anos de assentamento. Ou seja, é claro que se fôssemos escavar a área nos depararíamos com um contexto em processo de transformação contínua, marcado pela presença indígena, jesuítica e evidentemente, a contemporânea. No entanto, por que não descrever o que acontece no sítio? Melhor ainda, por que não discutir a inserção do sítio na vida dos moradores locais? A composição desses itens nos fornecerá um cenário característico de muitas comunidades interioranas, mas pouco estudado, a noção de que a cultura material é ativa a partir do momento em que faz parte de um sistema cultural, acarretando ao sítio arqueológico um papel contínuo no tempo, que fez parte tanto do passado quanto está fazendo do presente .

A presente pesquisa é de cunho exploratório e descritivo, a área de Freguesia do Andirá, assim como o território de Barreirinha, nunca foi citada em trabalhos de caráter arqueológico. Para tal pesquisa, dialogaremos com a arqueologia pública, porque o cenário que aqui será descrito leva em conta a atuação dos moradores locais, já que acima do sítio existe uma interação com os remanescentes arqueológicos.

Por meio desta pesquisa, temos como principal objetivo instigar o reconhecimento da área e o seu potencial arqueológico, assim como fomentar a proteção do patrimônio arqueológico local. Iremos ao decorrer do trabalho explicar o cenário contemporâneo do sítio arqueológico Freguesia do Andirá, ressaltando a inserção do mesmo na vida dos moradores locais.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

Quando se pensa em arqueologia vem à mente o que o mundo fictício instaurou, o arqueólogo aventureiro e desbravador. Pirâmides do Egito, cidades perdidas, e um dos personagens mais famosos do cinema, Indiana Jones. Raramente alguém que não seja do meio científico, saiba da realidade que é a arqueologia amazônica; pequenos fragmentos cerâmicos, pedras lascadas que chegam a passar despercebidos pelo olhar dos não arqueólogos.

O arqueólogo atua na ciência arqueológica investigando cada detalhe de um sítio arqueológico a fim de compreender o comportamento do grupo que por ali passara e deixara sua marca no tempo. O mesmo desenvolve diversos tipos de trabalhos: no campo, no laboratório, em universidades e mais recentemente, em empresas.

No campo é desenvolvida a escavação arqueológica; a escavação é o momento em que o arqueólogo remove cuidadosamente os vestígios materiais e registra o modo como foram encontrados.

No laboratório os vestígios arqueológicos (cultura material) são analisados criteriosamente, onde, através dos aspectos físicos e morfológicos se têm algumas informações importantes sobre a origem e a manipulação desses vestígios pelos seus fabricantes. Um exemplo a ser considerado, é o caso das cerâmicas, que através da reconstrução de sua cadeia operatória e análise morfológica da peça, podem-se inferir dados ligados ao contexto onde foi fabricada e para quê (função).

Na área da educação, nas universidades, o arqueólogo passa a ter um papel ativo na consolidação da arqueologia. Porém, a pouca valorização da docência, o deslocamento da arqueologia acadêmica para a empresarial, provocou um baixo quadro de professores atuantes (Bezerra, 2008). A ida para a área empresarial acarretou modificações profundas, tanto na arqueologia quanto no papel do arqueólogo, algo que se reflete na sociedade.

É relevante ressaltar que uma abordagem que destaque a interação de comunidades com os remanescentes arqueológicos é uma das formas de atingirmos o significado da cultura arqueológica,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

já que a mesma não diz respeito somente à vida das pessoas que o fabricaram no passado, mas também daqueles que interagem no hoje, no caso da Amazônia, às comunidades ribeirinhas.

Entender que sítios arqueológicos hoje habitados por populações atuais cuja ligação ancestral não esteja diretamente ligada aos primeiros povos que por ali passaram e registraram sua marca no tempo, é algo que nos instiga a pensar sobre o conceito de continuidade. Visto que sítios arqueológicos surgem a partir de processos culturais intensificados em uma determinada área, por um grupo específico, no passado, é importante ressaltar que as comunidades contemporâneas continuam desenvolvendo esse contexto e por fim, acarretando na constante transformação da paisagem.

As comunidades tradicionais e contemporâneas assentadas em sítios arqueológicos no ambiente amazônico caracterizam o espaço como um local de contínua construção cultural, isto é, muitos dos que moram hoje nessas áreas não são descendentes diretos daqueles que produziram a cerâmica e o lítico do passado, mas associam o que encontram – dependendo exclusivamente da identidade do grupo para existir uma associação (aproximação) com o passado através da cultura material em evidência – os remanescentes aos seus ancestrais, ou até mesmo denominam como simples “coisas” que encontram em seu dia a dia (Bezerra, 2013).

Em nosso objeto de estudo (Freguesia do Andirá) tornou-se corriqueiro os moradores locais encontrarem em seus quintais, o que denominam de “bichinho de barro”, “cerâmica de índio”. O que nos faz questionar sobre como essas populações lidam com isso e a quê associam; o que nos remete à arqueologia pública.

A arqueologia tem como objeto de estudo a cultura material de povos passados, porém quando a cultura passada é encontrada num contexto contemporâneo passa a ser (re) significada pelos grupos que se estabeleceram no lugar. É aí que entra o papel da arqueologia pública, tendo como alvo de estudo o processo pelos quais os significados são criados pela sociedade a partir de materiais arqueológicos (Fernandes, 2007).

A arqueologia pública envolve campos de estudos ligados tanto ao papel da arqueologia enquanto ciência, quanto os estudos da cultura material e suas apropriações contemporâneas. A voz do passado passa a ser ecoada através dos moradores, no sentido de que a partir do momento em



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que se apropriam e se relacionam com o material arqueológico, suas distintas significações enriquecem um possível entendimento sobre a cultura local.

III. Metodología

A presente pesquisa é de cunho exploratório e descritivo, “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” GEHARDT & SILVEIRA (2009).

Distinguimos em objetivos específicos as seguintes etapas: levantar o histórico de Freguesia do Andirá; apresentar a percepção de alguns moradores locais; propor ações de proteção e pesquisas científicas da cultura material pretérita local remanescente.

Para que pudéssemos alcançar os resultados obtidos nesta pesquisa foram programadas visitas ao campo de estudo para identificar os fenômenos que ocorrem através de uma observação participativa, de diálogos informais com os moradores locais. Utilizamos fontes bibliográficas, documentais, além do dispositivo GPS (Global Positioning System) para georeferenciar áreas com maiores concentrações de materiais em superfície.

Barreirinha é um dos 62 municípios do Estado do Amazonas. Localizado na região do Baixo Amazonas, próximo aos municípios de Maués e Parintins, faz ao Sul fronteira com o Estado do Pará (Fig.01).

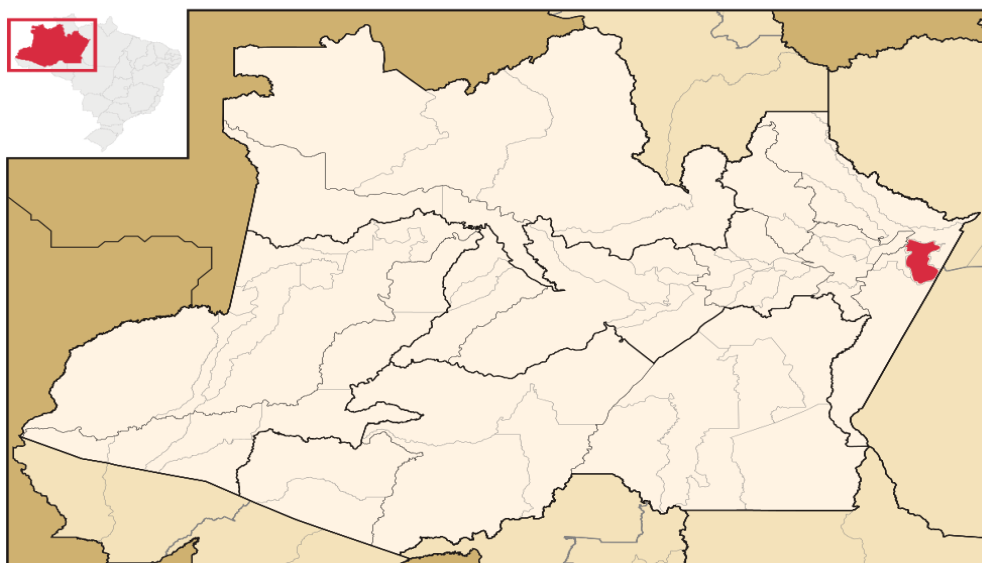


Fig.01 Localização do Município de Barreirinha
Fonte: wikipedia.org (2017)

A viagem ao município de Barreirinha é longa, dependendo do meio de transporte. Existem apenas três opções: duas por via fluvial, o barco e a lancha e uma por via aérea, a aeronave. Porém, devido à falta de disponibilidade das lanchas e recursos financeiros, optamos por ir ao nosso destino de barco. Saímos do Porto da Manaus moderna e perfizemos um total de 27h de viagem até o município de Barreirinha.

O município de Barreirinha está localizado entre o rio Andirá e o paraná do Ramos. Para chegarmos à Freguesia do Andirá utilizamos um transporte tipicamente denominado de “rabeta”, um motor de poupa utilizado pelos ribeirinhos para se locomover ao longo do rio (**Fig.02**).



Fig.02 Marcando pontos no dispositivo GPS
Fonte: PINTO, L.C. (2017)

Na parte de trás do município existe um porto denominado “pucú”, foi através deste porto que acessamos o rio Andirá. A sede de Barreirinha dista em torno de 10 a 45 minutos do Distrito de Freguesia do Andirá, dependendo do meio de transporte (rabeta, voadeira, barco).

Ao chegarmos à comunidade, através de uma observação participativa, percorremos as travessas (ruas) e identificamos as possíveis causas de destruição ao patrimônio arqueológico local, além das formas de interação que os moradores estabelecem com os remanescentes arqueológicos.

IV. Análisis y discusión de datos

Freguesia do Andirá localiza-se na margem direita do rio Andirá, ficando longe da sede do Município de Barreirinha uns 6 km. A comunidade faz parte dos 12 Distritos (Costa, Andrade e Silva, 2014) distribuídos no território barreirinhense. É considerado Distrito, segundo a lei orgânica do município de Barreirinha de 1990, por meio do artigo 195º, as comunidades que têm um índice populacional superior a 80 famílias e que tenham condições básicas, tais como escolas, posto de saúde, luz elétrica, comércio e igreja.

Freguesia do Andirá foi a primeira sede do município de Barreirinha. Segundo relatos de moradores mais antigos a sede do município transferiu-se para o Paraná do Ramos por causa da profundidade do rio Andirá, um rio tipicamente raso (Costa, Andrade e Silva, 2014). Não somente isso, mas a logística também influenciou, isso porque pelo Paraná do Ramos, onde está atualmente alocada a sede do município, existe a facilidade de se deslocar ao longo do rio principal, o rio Amazonas.

No ano de 1669, Freguesia do Andirá é citada na crônica do Padre Betendorf, em seus escritos é mencionada a existência de uma aldeia denominada “Santa Cruz do Andirazes”. O que segundo CERQUA (2009) diz ser um dos primeiros relatos sobre Freguesia do Andirá. O que corrobora com o autor citado acima é a seguinte frase que encontramos na Crônica de Betendorf

Umas cinco jornadas pouco mais ou menos pelo rio das Amazonas acima estão os Tupinambaranas. Estes estavam em uma ponta alta sobre o rio, onde em 1669, quando lá os foram vizitar em minha companhia o padre Pedro Luiz Glui e o irmão Domingo da Costa; mas pela grande praga de mosquitos mudaram-se uma jornada a pouco mais pela terra a dentro sobre um bello lago ou rio que vindo parte dos Andirazes ,parte do Rio das Amazonas, vai dar pelos Curiatós. (Betendorf, 1910, pág.35)

Nas palavras de CERQUA (2009) os elementos citados por Betendorf em sua crônica correspondem à localização de Freguesia do Andirá. Isso porque os Curiatós, moradores do Uaicurapá, por água e até breve caminho terrestre correspondem à cabeceira do Andirá – Mirím. O



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

nome Santa cruz lembra o costume dos jesuítas de chegarem aos locais de suas missões e edificar um cruzeiro dedicado à cruz do senhor (Cerqua, 2009).

Conhecer o histórico de Freguesia do Andirá é uma tarefa não muito fácil, isso porque existem pouquíssimos relatos escritos sobre os primeiros contatos e povos dessa região. A história que se tem em obras ainda é bastante fragmentada.

No entanto, sabemos que a realidade dos povos amazônicos resultada das condições históricas que foram acentuadas pela dinâmica do sistema de exploração daqueles que há 500 anos aqui chegaram, os colonizadores. As populações ribeirinhas estão, em sua origem, intimamente marcadas pelas etapas econômicas na região que atravessaram diversas épocas (Ranciaro, 2004).

Parte da cultura ribeirinha é herdada por seus ancestrais, porém o processo de construção histórica da região acarretou modificações importantes nos costumes desses povos. Para que pudéssemos compreender a relação que a comunidade estabelece com os remanescentes arqueológicos partimos do ponto de que para tal objetivo nos seria válido conhecer a realidade social que os moradores vivem. Os trabalhos de COSTA, ANDRADE, SILVA (2014); RANCIARO (2004) nos deram informações relevantes acerca do dia a dia da comunidade.

Freguesia do Andirá era uma típica sociedade “ribeirinha ameríndia”, termo empregado por VAZ (1996). Porém, no ano de 2009, com a inserção do programa “luz para todos” incentivado pelo governo federal, a comunidade passou por uma transformação socioespacial significativa. No trabalho de COSTA, ANDRADE & SILVA (2014) há um relato de um morador local que esclarece o que estamos a discutir.

Meu filho isso aqui no começo tinha muito mato, rua nem existia logo que eu cheguei pra cá, era só uns caminho que existia depois que veio e surgiu a primeira rua lá na frente, e depois foi surgindo as outras, eu digo que pela idade que tem Freguesia já era pra tá mais desenvolvido, ela começou a se desenvolver mesmo faz pouco tempo né, com a chegada da luz, agora tão asfaltando as ruas, agora sim tá melhorando, mas ainda falta muita coisa, mas já é um começo. (Relatos de um morador local; Costa et al, 2014, pág.18).

Segundo o IBGE de 2010 haviam cerca de 800 habitantes no Distrito de Freguesia, mas de acordo com o relato do presidente da comunidade no ano de 2013 existiam 1300 (Costa, Andrade e Silva, 2014). Em relação à infraestrutura da comunidade, Freguesia do Andirá é caracterizada por



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

possuir serviços básicos como: centro de saúde comunitário; escolas (uma municipal e outra do Estado); comércios etc.

Mesmo em constante desenvolvimento a cultura local resiste ligada à ancestralidade. Em ambientes de terra firme a pesca e a caça são atividades complementares, no caso de Freguesia do Andirá existe principalmente a plantação da mandioca, utilizando-se de técnicas indígenas (ralador, tipiti e forno de barro) os moradores produzem a farinha, o beiju e a tapioca.

No trabalho de SILVA (2016) há uma imagem de um forno cerâmico (**Fig.03**) proveniente do Distrito de Freguesia do Andirá, o mesmo afirma que “... o uso de forno cerâmico tem na verdade, longevidade; e esse modelo está associado à memória das sociedades humanas que interagem com o sistema (cerâmica) na produção de alimentos sustentáveis”.



Fig.03 Forno cerâmico do Distrito de Freguesia do Andirá
Fonte: Silva (2016)

Os trabalhos agrícolas realizados nos meses de novembro e dezembro no Distrito de Freguesia do Andirá, inclusive da mandioca, seguem ainda o modo tradicional. Para a realização das plantações, a primeiro momento, se faz o desmatamento da área, para assim começar o processo de queima; ao final faz-se a limpeza do terreno para as plantações serem iniciadas (Leite & Souza,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2016). Neste mesmo processo, há a participação coletiva dos comunitários denominada de “puxirum”.

As roças que também seguem a tradição indígena da queimada, plantação e tempo de pousio, são preparadas pelo sistema de “puxirum” ou “ajuri” (Mutirão), quando o dono do serviço (geralmente derrubada da mata e plantação) convida os outros amigos para trabalhar na sua roça. Depois, ele irá trabalhar nos “puxiruns” das outras famílias para pagar a ajuda recebida. (Vaz, 1996, pág.53)

O ribeirão apesar de trabalhar com a agricultura, não se limita a uma só atividade, o mesmo sabe fazer diversas atividades; muitos são pescadores, caçadores, carpinteiros, porém isso não os individualiza. Muitas vezes procuram situações para o trabalho conjunto, o que nos remete a sua ancestralidade indígena, de viver em comunidade e ser coletivo. Se vão cobrir uma casa chamam os amigos, se vai caçar ou pescar, também não irá só (Vaz, 1996).

Em Freguesia do Andirá no mês de dezembro acontece a festa do santo padroeiro da comunidade. Nesta ocasião moradores de comunidades próximas e inclusive, do município de Parintins, participam da festa. A questão é que grande parte da comunidade é católica, possivelmente esse dado esteja ligado à atuação dos jesuítas no século XVII na área da comunidade.

Freguesia do Andirá é uma típica comunidade ribeirinha, através das representações culturais conseguimos identificar um passado intrinsicamente ligado às dinâmicas de exploração na Amazônia, no entanto os traços indígenas continuam resistindo ao longo do tempo.

Caminhando pela comunidade conseguimos observar os remanescentes arqueológicos, sejam os cacos de cerâmicas ou os líticos depositados na terra em grande quantidade. A quantidade de evidências das ações que povos pretéritos deixaram por aqui é extraordinária, é claro que nem todas essas evidências são encontradas, porém a cerâmica é a mais comum na região, o que justifica a sua escolha para entender o processo de desenvolvimento dos povos da Amazônia.

A diversidade de grupos indígenas existentes na região que se relacionam com a natureza de forma dinâmica e na natureza reproduzem suas culturas, nos faz questionar se o processo seria parecido também no passado. Pode-se admitir que no passado o processo fosse similar, as casas feitas de palha, as canoas de madeira, as hortas “medicinais” próximas ao assentamento, a colorida plumária, tecidos pintados por pigmentos vegetais, armas e equipamentos feitos de bambu e por fim, a cerâmica. De uma forma anacrônica, imaginemos que no passado havia tudo isso, mas é aí que

nos indagamos. Por que não encontramos essa variedade cultural no contexto amazônico? Nas palavras de RAYMOND (2009), os fragmentos cerâmicos são os únicos resquícios da atividade humana no passado que se perpetua no ambiente amazônico, isso se deve ao fato de que o solo amazônico tem um nível ácido alto, o que prejudica a preservação de materiais de origem orgânica.

O sítio Freguesia do Andirá é predominantemente cerâmico. Percorrendo pelas áreas da comunidade conseguimos avistar os “cacos cerâmicos” aflorando em superfície. Nas travessas (ruas) e praias o material fica exposto geralmente após períodos chuvosos. No caso das travessas que não foram pavimentadas o material vem à tona porque a chuva incide sobre o terreno e transporta grande parte dos fragmentos cerâmicos para a praia, acarretando nas cerâmicas mudanças estruturais impostas pela dinâmica do rio (**Fig.04**).



Fig.04 Fragmento cerâmico oxidado
Fonte: PINTO, L.C. (2015)

Nos dias em que se sucederam as visitas ao campo de pesquisa, identificamos na paisagem local a predominância de material cerâmico em superfície associado às manchas de terra preta. Através de um dispositivo GPS (Global Positioning System) georeferenciamos as áreas com maiores concentrações de material, e obtivemos como resultado, que a área com maior predominância de material em superfície é a parte frontal da comunidade, próximo à margem do rio Andirá.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A informação citada acima corrobora com os relatos de alguns moradores que afirmam que a frente da comunidade era um antigo cemitério indígena. Há alguns anos uma equipe de trabalhadores que escavavam a área para trabalhar nas tubulações da comunidade encontraram uma espécie de “pote cerâmico”, logo, imaginaram ser um pote que continha ouro. Porém, ao abrirem o recipiente, se depararam com ossadas, provavelmente humana. A verdade é que, não sabemos se era realmente um cemitério, mas observamos que grande parte do material em superfície está localizada em áreas específicas que moradores relatam, inclusive na frente da comunidade (**Fig.05**).



Fig.05 Concentração de material arqueológico em superfície
Fonte: PINTO, L.C. (2017)

Na ficha de cadastro (CNSA) disponibilizada no portal eletrônico do IPHAN, existe a informação de que o sítio era possivelmente de habitação. A existência da Terra Preta e as culturas encontradas em superfície, a primeiro momento, confirmam essa hipótese.

A imagem abaixo (**Fig.06**) é um recipiente cerâmico encontrado por um morador local. A morfologia da vasilha cerâmica pode estar relacionada com as atividades do grupo que a fabricou. Possivelmente este recipiente era para consumo de alimentos, o diâmetro da boca em relação a base, a parede aparentemente fina, a dimensão pequena do objeto, a falta de elementos decorativos bem elaborados (Silva, 2016) , são características que sugerem que a vasilha era utilizada para atividades

relacionadas ao consumo de alimento diário. Foram encontrados outros recipientes com características bem marcantes e que são parecidas com a primeira figura, fazem parte da mesma coleção; esses atributos, a dimensão pequena, a boca larga, facilitaria o acesso ao alimento e a manipulação da vasilha (Silva,2016).



Fig.06 Recipiente cerâmico
Fonte: PINTO, L.C. (2017)

No ano de 2004 o sítio Freguesia do Andirá foi cadastrado no CNSA como sítio habitação, as vasilhas encontradas podem validar essa informação. No entanto, para que tenhamos uma compreensão mais precisa sobre o sítio será necessário um estudo mais aprofundado da cultura material, onde , através de uma análise laboratorial, possamos apontar quais foram as atividades realizadas neste sítio. Seja habitação ou ritualístico, as culturas encontradas em superfície incidem numa utilização espacial do sítio para diversas atividades ligada ao universo cultural dos povos que por ali se assentaram.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

O estudo na arqueologia nada mais é do que a interpretação que se infere sobre a totalidade material apropriada pelo homem. O artefato, produto do trabalho humano, possui duas facetas segundo FUNARI (1988), no qual o objeto pode ser visto de forma associada a sua utilidade e ao seu valor simbólico.

Trazendo isso para a realidade da comunidade Freguesia do Andirá, podemos suscitar que a materialidade (remanescentes arqueológicos) mesmo que tenham sido feitas num passado distante com um propósito específico, ao ser ativa na comunidade, através de contatos distintos, são (re) significadas e o seu valor simbólico é associado com a vida social da comunidade. Por exemplo, uma urna funerária, antes vista pelos seus fabricantes como algo ligado à vida pós – morte, associada imaginário do grupo que a fez; no agora, o desconhecimento prolifera enriquecendo a imaginação do comunitário na interpretação do seu passado com base nas suas experiências de vida.

Partindo do princípio de que a memória é a capacidade de reter informações e experiências do mundo exterior, onde através da relação entre o presente e eventos pretéritos podemos extrair novos conceitos e valores (Chauí, 1995), a comunidade Freguesia do Andirá constitui um vínculo com os remanescentes arqueológicos que permeiam os discursos relativos ao passado, e incitam a uma memória coletiva.

Várias são as formas de interação, porém identificamos que existem alguns sujeitos específicos que mais têm contato com os vestígios arqueológicos: as crianças, os mestres de obras e alguns colecionadores; ressaltando que não significa que outras pessoas não tenham o contato. A partir da observação e interação com a comunidade evidenciamos que moradores de diferentes classes sociais, faixa etária, gênero, manipulam o material arqueológico de forma diversificada.

Ao longo da pesquisa de campo conseguimos identificar que grande parte da comunidade já não tem em seus lares o que denominamos de patrimônio arqueológico, porém, observamos que as “coisas” encontradas por eles, estão intrinsicamente ligadas aos relatos coletivos, inclusive



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

associados a infância. A infância passa a ser a fase onde o sujeito é iniciado ao contato com o material arqueológico.

As crianças denominam o patrimônio arqueológico como “bichinho de barro”, relatam as suas experiências enquanto crianças, onde escavam seus quintais e brincam com o que a terra lhe provém. Em seu trabalho Bezerra (2013) discuti a importância de se considerar o domínio sensorial, particularmente a natureza tátil.

Em um museu, por exemplo, os visitantes desejam tocar os objetos e verificar a sua verdadeira natureza, o que acaba acarretando num vínculo entre o visitante e o objeto. Segundo BEZERRA (2013) é assim que acontece com os comunitários e moradores de um sítio arqueológico, o toque passa a ser um elemento significativo que influencia na exploração e reconhecimento do mundo que os cercam. “As mãos e os dedos operam como instrumentos de exploração, de verificação, de construção de conhecimento” BEZERRA (2013).

Outro grupo identificado a partir de uma observação participativa foram os mestres de obra. Os mesmos relatam que é comum encontrar essas “cerâmicas de índio” quando estão construindo moradias, escavando poços, fossas e abrindo buracos na terra para diferentes atividades.

Os dois primeiros grupos citados anteriormente estão ligados porque correspondem a atividades realizadas na terra. A terra passa a ser o elemento que liga as pessoas ao material arqueológico. O contato com a terra é importante para essas comunidades, pois implicam numa relação tátil com o que nela são encontrados, os restos arqueológicos, as “coisas” do passado.

E por último, não menos importante, os colecionadores. Esse último grupo se diferencia dos outros, já que a interação não se dá através de uma atividade que leve em conta o elemento terra; os dois grupos citados anteriormente estão ligados porque correspondem a atividades realizadas na terra, onde o material arqueológico é achado fortuitamente. No caso dos colecionadores que identificamos em Freguesia do Andirá, a interação com os remanescentes arqueológicos, se dá muitas vezes através do interesse dos mesmos em procurar, conhecer e colecionar.

Destacamos que entre os colecionadores um se sobressaiu, pois guardava em sua casa um grande número de material arqueológico, incluindo cerâmicas e líticos. O mesmo já se tornou referência na comunidade quando questionamos sobre a existência de algum morador que tenha



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

esses materiais em casa. No entanto, para que pudéssemos ter acesso à coleção do morador foi preciso insistência, já que o “dono” não estava na comunidade, além de ter deixado bem claro que não permitia o acesso ao material e nem fotografias.

Nas inúmeras tentativas de entrar em contato com esse colecionador, outros moradores locais relatavam e explicavam o porquê de o mesmo limitar o acesso ao material. Moradores afirmam e inclusive, o próprio colecionador nos confirmou posteriormente, que há alguns anos uma equipe de pesquisadores chegou à área e ofereceu dinheiro em troca das peças, porém o mesmo não aceitou a proposta. No entanto, como resultado, o mesmo teve a iniciativa de tentar se neutralizar em relação a isso, privando o acesso ao material.

Na última ida ao encontro de nosso objeto de pesquisa (o sítio Freguesia do Andirá), conseguimos ter acesso à coleção. O comunitário afirma que há anos coleciona as “coisas” arqueológicas, inclusive estima-se ter mais de 1.000 peças arqueológicas. O material fica armazenado numa espécie de saca plástica, onde as peças são sobrepostas uma por uma, o que acarreta na estrutura dos materiais grande impacto.

Os indivíduos participam da mesma cultura de maneira diferente (Laraia, 1986), é o que acontece com os moradores de Freguesia do Andirá, a forma que os mesmos acabam achando o material arqueológico está ligada às atividades exercidas por eles em seus espaços de convívio, o qual depende de ordens cronológicas ou estritamente culturais.

Desde as crianças até trabalhadores e colecionadores, isso implica num universo marcado por ordens cronológicas (idade) e culturais. As crianças (re) significam aquele material e utilizam como se fossem brinquedos achados em seus quintais, os trabalhadores (mestres de obra) associam aquilo ao seu trabalho e os colecionadores, pela afetividade ligada à decoração do material e a curiosidade pessoal, ativam aquilo que estava “morto” e lhes dão novamente a vida quando se apropriam do material.

A legislação arqueológica transita em um universo distante da realidade de um interiorano, morador de uma comunidade tradicional, onde muitas vezes a interação com o material arqueológico se dá através de simples atividades do dia a dia.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No caso de Freguesia do Andirá, muitas das pessoas que vivem e interagem com os remanescentes, não sabem o que é a arqueologia, nem mesmo se existem leis que respondam por aquilo que eles denominam: “cerâmica de índio”, “bichinhos de barro”. Porém, a relação estabelecida com esses remanescentes é diária. Achados fortuitos despertam a atenção daquilo que é desconhecido como patrimônio, mas apreciado por ser belo e diferente.

A lei 3.924 de 28 de Julho de 1961 é bem clara no que concerne à proteção do patrimônio arqueológico, em seu artigo nº 5, diz que será considerado crime contra o patrimônio nacional qualquer ato que importe na destruição dos monumentos, expostos no artigo ° 2. Porém, como punir quem não conhece?

Os ribeirinhos da Amazônia, aqui no caso, os moradores de Freguesia do Andirá, não conhecem as leis que estão por trás das “coisas” que os mesmos encontram diariamente, muito menos reconhecem aquilo como um patrimônio. Porém, a relação que estabelecem com esses remanescentes é enriquecida pela memória coletiva da comunidade, que já associam o seu passado ao que encontram em seus espaços de convívio, os remanescentes arqueológicos (as coisas).

Essas são questões que nos fazem refletir sobre a legislação vigente. A lei 3.924 (Capítulo IV: art.17; art.18; art.19) que orienta a ação que deve ser tomada em caso de achados fortuitos. As descobertas fortuitas devem ser comunicadas imediatamente ao órgão competente (IPHAN). Em casos de achados fortuitos, o ocupante ou proprietário do local, é responsável pela conservação “provisória” da coisa descoberta. Porém, como explicar, no caso de Freguesia do Andirá, ao morador que guarda no interior de sua casa há anos esses remanescentes, que aquilo não lhe pertence e sim, à união?

Como podemos chegar a uma comunidade amazônica e lhes dizer que o material que já faz parte dos discursos nativos destas pessoas sobre o passado, deverá ser doado a um local de guarda, onde o vínculo muitas vezes é só institucional. Até quando isso será provisório? O que nos faz pensar como possível solução seria a arqueologia colaborativa, onde arqueólogos e comunitários trabalhem mutuamente na criação de uma arqueologia mais abrangente.

O cotidiano da comunidade (Freguesia do Andirá) é marcado pela presença de remanescentes arqueológicos, muitas vezes desconhecidos, mas que estão ali influenciando o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

discurso dos moradores acerca do seu passado. Ou seja, é possível afirmar que quando nos deparamos com um sítio arqueológico é necessário um estudo que considere a relação do contemporâneo com o passado, já que os dois se entrelaçam de uma forma que o presente seja não o fim e sim, a continuidade daquele passado que existe e está atuando no contemporâneo, os remanescentes arqueológicos.

Quando trabalhamos com comunidades e buscamos nelas o conhecimento, estamos dando voz às mesmas, no sentido de que a valorização das diferentes visões sobre a cultura enriquece os discursos científicos e trazem à tona o que não deve ser visto como uma mera fonte, afastando-nos de vez de uma visão colonialista.

A presente pesquisa teve como objetivo instigar pesquisas arqueológicas na área do rio Andirá, assim como fomentar a preservação desses remanescentes que compõe o cenário que aqui é visto de forma associada, levantando questões sobre a interação das pessoas com o que encontram em seus espaços, sejam denominados “bichinhos de barro”, “cerâmica de índio”, “pote de ouro”.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

BELÉM DA COSTA, L. F., Vasconcelos Andrade, F. y Muniz da Silva, C.: "**O rural e o urbano na Amazônia: um estudo das transformações socioespaciais no distrito de Freguesia do Andirá no Município de Barreirinha-AM/ Brasil**", en Contribuciones a las Ciencias Sociales, Octubre 2014.

BETENDORF, J.F., **Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus**, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1910.

BEZERRA, M. **Bicho de Nove Cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil**. Revista de Arqueologia, São Paulo, n. 21, v. 2, p. 139-154, 2008.

BEZERRA, Marcia. **Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia**. . Revista de Arqueologia Pública n. 7, Campinas-São Paulo, p. 107-122, 2013.

CERQUA, D. A. **Clarões de fé do médio Amazonas**. 2. Ed. Manaus: Pro Graf-Gráfica e Editora, 2009.

CHAUÍ MS. **Convite à Filosofia**. 3 ed. São Paulo: Ática; 1995.

FERNANDES, T.C. **Vamos criar um sentimento? Um olhar sobre a arqueologia Pública no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). – Museu de Arqueologia e Etnologia da universidade de São Paulo, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Ática S. A, 1988.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

LEITE, G. C; SOUZA, O. S. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: cultura, trabalho e economia no Distrito de freguesia do Andirá no município de barreirinha-Am**, 2016.

LIMA, H.P. & B. Moraes, B. 2013. **Arqueologia e comunidades tradicionais na Amazônia**. Ciência e Cultura 2(2): 39-42.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RANCIARO MMMA. **Andirá: memórias do cotidiano e representações sociais.** Manaus: EDUA; 2004.

SILVA, C. A, **Área de Interface Ceramista Pretérta: A coleção Arqueológica José Alberto Neves,** Manaus - AM, 2016.

RAYMOND, J. S. 2009. **Dos fragmentos às vasilhas: um primeiro passo para a construção de contextos culturais na arqueologia da floresta tropical.** Amazônica Revista de Antropologia 1 (2): 512-535

VAZ, F.A. **Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e Magia na Floresta** in: Cultura Vozes, n.2, março- abril/1996, (p.47-65).